

PROMESSAS DE
PRIMAVERA

ANTOLOGIA LITERÁRIA

Érica de Oliveira & João Paulo Hergesel

(organizadores)

PROMESSAS DE
PRIMAVERA

ANTOLOGIA LITERÁRIA

1.ª edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2018

Copyright © 2018 by Editora Jogo de Palavras

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P965	Promessas de primavera [recurso eletrônico] / organizado por Érica de Oliveira. - Alumínio, SP : Editora Jogo de Palavras, 2018. 50 p. ; 1 MB. ISBN: 978-85-66626-83-4 (Ebook) 1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Antologia literária. I. Oliveira, Érica de. II. Título. CDD 869.8992 CDU 821.134.3(81)
2018-1392	

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ficção 869.8992
2. Literatura brasileira : Ficção 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados a:

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2018
www.jogodepalavras.com

Sumário

Flor-de-capitão

Regina Ruth Rincon Caires 7

Um quê de renovação

Evandro Valentim de Melo..... 10

A flor sofrida

Edib Longo..... 17

De Arabel os Dias de Naomir

Paulo Luís Ferreira..... 23

O atraso da primavera

Joaquim Bispo..... 28

Infinito

Driely Meira..... 32

Sofrimentos primaveris

Marcelo Gomes Jorge Feres..... 40

Primavera

Aldirene Máximo 41

Botões (Primavera)

Jullie Veiga Ferro 43

Tamara Castro..... 44

Primavera

Geraldo Trombin 45

Tempo de primavera

Leverton José Veríssimo Vieira 46

Você e eu na primavera

Wilson Duarte 48

Outra primavera

Maria Sueli Fonseca Gonçalves 50

Na Primavera do meu contentamento!

Maria Teresa Pelica 51

Detalhe

Antonio Luiz Medeiros de Campos 53

Tempo de amor

Roque Aloisio Weschenfelder 54

Sobre os autores 57

Flor-de-capitão

Regina Ruth Rincon Caires

O quarto menor da casa era reservado para as visitas. Apenas a cama e um velho baú de madeira, reforçado com tiras de metal, compunham a mobília. As alças do baú já não existiam, sobraram apenas os sinais do encaixe. A chave ficara perdida em algum lugar, nas muitas mudanças. Colocado sobre pilhas de tijolos, que o erguiam do chão, ficava protegido das constantes lavadas do assoalho. E guardava segredos. Ali ainda ficavam umas poucas vestes da avó, trazidas de além-mar. Acomodava velhas cobertas feitas no tear, roupas de dançarina, xales enormes, o pente com o véu. E as castanholas.

O deleite da menina era revirar aquilo tudo. Perdera a conta de quantas vezes fazia o mesmo ritual de desdobrar e dobrar as peças, passar os dedos pelos bordados, espetar o pente nos ralos cabelos, arrastar o véu e os xales pelo chão. Sempre sob o olhar saudoso e atento da avó.

Um dia, percebeu que, sob as pesadas cobertas, havia um embrulho. Curiosa, quis saber do que se tratava. A avó, pacientemente, contou que eram sementes de flor-de-capitão, e recomendou que a menina não mexesse ali, que elas não poderiam ser plantadas, nunca. As sementes foram dadas pela comadre da avó, com a sugestão de que fossem semeadas no entorno da horta. A florada traria borboletas, abelhas e as hortaliças ficariam mais viçosas e saborosas. Mas, depois de uma conversa com o avô, ficou terminantemente proibida a semeadura. Irritado e em desacordo, ele havia falado que aquilo era uma praga, que infestaria as plantações, as pastagens. Enfim, era uma ordem: as sementes não poderiam ser espalhadas.

A menina, pouco convencida, fechou o baú. Foi para o terreiro, brincou, chegou mesmo a esquecer do embrulho sob as cobertas. O dia foi quente, mas a tarde começou a ficar carrancuda. Enormes nuvens espalhavam-se pelo céu, nuvens negras. E, junto com o baixar do sol, veio a lembrança das sementes.

Correu até lá. Aproveitou que a avó estava ocupada com a cata dos ovos, distante dali, abriu o baú, retirou tudo com muito cuidado e encontrou o saco de papel abarrotado de sementes. Pegou o pacote, colocou-o no chão, voltou as roupas no lugar, tudo arrumadinho. Abraçou as sementes, olhou de um lado, do outro e saiu em disparada antes da chegada da avó.

Lá fora, o tempo havia fechado por completo. Trovões, relâmpagos. Começou a ficar espantada. Queria abrir o pacote, mas precisava voltar para casa. Andou um pouco na direção do cafezal, ajeitou-se sob a saia do pé de café e começou a desembulhar as sementes. Eram muitas, excessivamente frágeis, parecidas com minúsculas folhinhas secas.

Um relâmpago intenso clareou o céu, um trovão ensurdecedor ecoou e a menina, de susto, quase engoliu a língua.

— Tinhoca! Tinhoca! Anda menina! A chuva vai ser braba!

De longe, as vozes da mãe e da avó gritavam o nome dela. Precisava ir, e precisava guardar as sementes! Como?!

Não teve saída. Acomodou o embrulho no tronco do pé de café, planejando que voltaria na manhã seguinte para buscá-lo. Feito isso, saiu desembestada para casa. No caminho, o vento a deslocava do chão. Bastou colocar os pés no alpendre, a chuva veio feito dilúvio.

À noite, deitada, imaginava como iria secar e embalar as sementes para guardá-las novamente no baú. E, arquitetando, conjecturando, dormiu.

Acordou com o mugido do gado no curral. Correu para a porta da cozinha, a chuva havia parado, a umidade cobria tudo. Mal trocou de roupa, passou a mão num embornal e rumou para o esconderijo das sementes.

Não havia pacote, não havia sementes. Vasculhou tudo, andou por várias fileiras de pés de café, pelos carregadores. Nada. Tudo era barro vermelho, lama. A chuva de vento varrera toda a roça, desfolhara o cafezal.

E as sementes?! Como explicaria?

Ficou pensativa por alguns dias. Depois, esqueceu...

E os dias corriam. A menina não teve mais vontade de mexer no baú. Quando lembrava, empurrava a ideia. Nem passava pelo quarto.

As chuvas se foram, o sol reinou escandaloso, as plantas pareciam ainda mais verdes, as flores coloriam tudo. As flores?!

— Tinhoooooooooooooca!!!

Um quê de renovação

Evandro Valentim de Melo

Hora do banho de sol. No pátio, centenas de presos e dezenas de agentes penitenciários. Thiago, um destes se aproximou de Maciel, que, em poucos dias, ganharia a liberdade. Ao longo dos anos, uma espécie de amizade entre os dois se estabeleceu.

— Contando os dias, meliante?

— A ansiedade é grande...

— Sua passagem por aqui não foi de todo ruim. Aprendeu um novo ofício e lá fora, ao menos poderá ser viveirista ou jardineiro. Sem falar na comida de graça. Você está até mais robusto!

— Todas as experiências são válidas, Thiago, mesmo a de recluso. Reconheço que foi positivo aprender um novo ofício. Imagino, contudo, ser pouco provável que alguém queira contratar os serviços de um ex-presidiário.

— Eu mesmo não lhe contrataria.

— Pois é.

— A não ser que você conseguisse fazer o cerrado ficar tão vistoso como ele está. Que ninguém nos ouça, meliante, se comentar já sabe... A chegada da primavera deixou tudo verdinho. O cerrado está que é uma beleza...

— Quem diria, um troglodita como você apreciador da primavera.

— Meu lado sensível. Ele resiste apesar da merda que é o meu trabalho, por dividir o mesmo espaço com a escória da sociedade...

— Não comentarei. Quero estar inteiro ao sair daqui. Saiba que a primavera é minha estação do ano favorita. Tenho uma lembrança infantil relacionada à primavera. Quer ouvir? Aproveite, pois essa pode ser a última história que lhe conto.

— Manda. Gosto de suas histórias.

Maciel fechou os olhos. Buscou dentro de si o fio de Ariadne, que o guiou pelo labirinto de recordações. Ele queria chegar a outra Era, bem distante da hodierna realidade que vivenciava. Por instantes, encarou Thiago, grande como o Minotauro, que impunha temor e respeito, tanto entre seus pares, como aos detentos. Iniciou a narrativa.

O primeiro encontro de meu pai com Chico ocorreu quando a primavera já vestia tudo de verde. O cerrado, que até poucos dias atrás era só cinza e poeira, se mostrava outro. De onde o Chico veio, nunca soubemos. Acreditávamos haver fugido de um antigo dono.

Testemunhei meu pai a descrever esse momento inúmeras vezes: “enquanto eu admirava a mudança na paisagem, ele entrou voando pela janela do quarto. Precisei abaixar a cabeça para que não batesse em mim. Parecia cansado e assustado. Pousou na cama. Joguei minha camisa em cima dele. Foi assim que o capturei”.

Chico já morava conosco, em sua gaiola pendurada na parede da cozinha quando eu nasci. Cabeça e garganta vermelhas, asas e cauda acinzentadas e peito branco. Bela ave, um galo-de-campina. Cresci ouvindo-o ‘cumprimentar’ meu pai, com breves notas de seu canto, tantas quantas fossem as vezes que ele visse meu velho. Só a meu pai Chico concedia tal deferência, a ninguém mais, independentemente de quem dele cuidasse.

Meus irmãos e minhas irmãs, em algum período, cuidaram dos pássaros de nosso pai. Não eram muitos. Chico foi o mais longo, segundo as memórias de meus verdes anos.

São muitas as lembranças em que Chico se fazia presente. Ele descia ao chão da gaiola e piava insistentemente até que lhe déssemos atenção. Atenção traduzida em lagartas de milho. Na safra, era tradição familiar produzirmos pamonha, mungunzá, canjica, bolo, milho assado ou cozido. Chico já sabia que quando começávamos a descascar as espigas, as lagartas apareceriam.

Os pássaros de meu pai tinham uma alimentação variada, para muito além do alpiste. Nós, filhos e filhas, reproduzíamos os costumes paternos de compartilhar com eles o que comíamos: jiló, alface, pepino, laranja, maçã, banana... Dieta que qualquer nutricionista aplaudiria.

Certa vez, flagrei meu pai quase a chorar. Um paradoxo, logo ele, nascido no início do Século XX, no Estado assim mencionado em uma canção: “Paraíba masculina, mulher macho, sim senhor”. Veja só, Thiago, se as mulheres lá nascidas eram assim descritas, como um homem contemporâneo de Lampião, o rei do cangaço, entregaria os pontos? Que chorar que nada!

— E qual o motivo?

— O motivo? Chico. Ou melhor um machucado que ele, meu pai, provocou na ave tão amada, ao tentar aparar suas unhas. Ele calculou mal e cortou a ponta de um dos dedos dele. Deve ter doído bastante: dor física no Chico, dor na alma de meu velho pai. O susto, porém, havia sido maior do que as consequências. Poucos dias e lá estava o Chico, do peleiro

superior de sua gaiola, ‘cumprimentando’ meu pai, quando ele entrava na cozinha.

Outro pássaro quase tão longevo quanto o Chico foi o Azulão. A esse o nome dado foi o mesmo da raça, azulão. Também um belo espécime, com plumagem azul-escura e brilhante. Seu canto ocorria, como dizia minha mãe, à hora da Ave-Maria. Assim como acontece quando o uirapuru canta, os outros passarinhos se calam, pela beleza do espetáculo. Um canto simplesmente maravilhoso.

Azulão era bem manso. Podíamos retirá-lo de sua gaiola, deixando-o no dedo, que ele não fugia.

Houve também um curió, um canarinho, que além de belas plumagens, possuíam cantos muito belos. Mas minhas recordações não me deixam duvidar, o canto do Azulão, para mim, sempre foi insuperável.

O passarinho mais colorido que passou por minha casa, eu nunca soube qual era a raça. Chegou em grande estilo. Ferido ao escapar das garras de um gavião. Um de meus irmãos o pegou no chão. Resgatou-o quando o gavião já preparava nova investida. Foi levado à nossa casa, mas apesar de nos dedicarmos como só o fazem os Médicos sem Fronteiras, poucos dias depois, ele se foi.

— Meliante, vou sentir falta de suas histórias quando você for embora. Não há outro aqui com quem eu possa conversar.

— Vai nada. Um meliante a menos.

— Sai um e entram duzentos... Continue a história, que daqui a pouco o banho de sol termina.

— Aos dez anos, passou ser minha obrigação cuidar dos passarinhos de meu pai. Depois de alguns meses, já me

achava doutor no que fazia. Essa prepotência resultou em uma baita lambança. Um coleirinha. Dependendo da região do Brasil, também é chamado de tuitui, outro que canta como um Milton Nascimento. O dito cujo, incorporando o espírito de Pedro Malasartes, driblou minha arrogância e fugiu da gaiola, assim que eu a abri para retirar o recipiente com água onde ele se banhava.

Já lhe disse o quanto meu pai era bruto? Pois era. Podia até trabalhar aqui com você. Essa foi uma das vezes que experimentei a palmatória. Meia dúzia de ‘bolos’ em cada palma da mão. Doeu pra cacete.

— Depois eu é que sou troglodita... Prossiga.

— Aprendi uma boa lição. Voltando ao Chico, ele viveu na casa de meus pais até quando eu completei vinte e um anos. E olha que quando eu nasci ele já estava lá. Morreu bem velhinho. Em seus últimos meses, Chico vivia no chão da gaiola, num dos cantos a cochilar, mas era nítido o esforço que fazia para ‘cumprimentar’ meu pai, repetindo o ritual da relação mágica daqueles dois.

Ao soar da sirene, os presidiários formaram fila e retornam para suas celas.

À noite, no desconforto do pequeno espaço em que Maciel tentava dormir, continuava voltado aos próprios pensamentos, confrontando seu passado com as próximas páginas do livro de sua vida. Refletia:

“Diferentemente daqueles pássaros, tão logo Chico morreu, eu saí de casa. Queria ganhar o mundo, ser

independente, arriscar-me longe das asas protetoras de meus pais. Desejo de boa parte dos jovens de minha cidadela. Saí do torrão natal, tornei-me ajudante de caminhoneiro durante um período. Parti sem rumo. Juntei alguns trocados e desembarquei na capital de todos os brasileiros. ‘Meu Deus, mas que cidade linda!’, cantava Renato Russo em seu Faroeste Caboclo. Que céu era aquele! Ao vê-lo, pesou-me a consciência por lembrar dos passarinhos engaiolados, privados de voar.

Em Brasília, fui ajudante de pedreiro, garçom, motorista e, finalmente, funcionário público. Caminhada difícil, que me exigiu garra, esforço e persistência. Ainda mais, sozinho, longe da família.

Depois de alguns anos, eu já desfrutava de situação favorável, todavia, ainda distante do que eu realmente almejava. Eu queria mais. Pouco importava o que seria preciso fazer. Tenho convicção: não posso terceirizar a culpa pelas opções que somente a mim coube a responsabilidade de escolha. Arrisquei tudo em busca do ‘ter’ em detrimento do ‘ser’. Foi extremamente lucrativo traficar. Dinheiro rápido, que me permitiu adquirir bens que jamais teria condições de possuir, apenas com meu salariozinho de funcionário público.

Tantas lembranças! O instante é propício. Reflexões em meus últimos dias de detenção. Doze anos se passaram e, em breve, serei um ex-presidiário, estigma que me acompanhará daqui em diante. Menos tempo que o Chico viveu em sua gaiola.

As lembranças do pássaro amado de meu pai são muitas. As comparações de nossas vidas também. Ambos fomos enjaulados e por mais que achássemos Chico feliz, tenho absoluta certeza de que ele mais o seria, se liberto. Depois de preso, jamais pude replicar o que Chico fazia ao ver meu pai,

pois ele nunca me visitou. Nunca superou a decepção de saber um filho criminoso. Lagartas. Essas eu e Chico tivemos no cativeiro. Quantas eu encontrei na marmita, misturadas àquilo que chamam refeição. Por fim, nessa comparação, ainda que Chico tenha sido merecedor de todo o carinho, enquanto viveu conosco, ele só deixou o cárcere sem vida. Eu sairei daqui vivo.

Como bem disse Thiago, o Minotauro, é primavera e o cerrado está pleno de vida. Primavera é uma estação que traz consigo um quê de renovação. Aqui, apesar de todo o inferno experimentado, aprendi a coletar sementes, plantá-las, ver cada mudinha crescer, se desenvolver, seguir para fora deste presídio e cumprir seu destino de árvore.

Chegado, finalmente, o dia de Maciel deixar o cárcere.

— Boa sorte e juízo, Maciel. Tem gente esperando você lá fora. — Foi essa a derradeira fala de Thiago ao, agora, ex-presidiário.

A pouca distância, um casal de velhos. Maciel duvidou de sua visão. Seu Joaquim e Dona Antônia. Pai e mãe, que ele não via há muito, muito tempo. A chuva, que iniciara e ganhava força suficiente para beneficiar as plantas, os rios, as pessoas, misturava-se às águas brotadas dos olhos de Maciel.

A primavera realmente traz consigo um quê de renovação.

A flor sofrida

Edith Longo

Onde estará aquela flor que eu escondia num livro? Uma lágrima caiu na mesa do restaurante. Não consegui dizer nada. Apenas afaguei sua mão, numa solidariedade tímida, mas sincera. Aquela lágrima resumia uma história tão dela. Fiquei extática, apenas a observando.

Aquela mulher linda: de olhos azuis, cabelos louros; comia vorazmente uma banana como sobremesa, depois de ter contado uma história tão trágica, como se fosse a melhor coisa que existisse no mundo! A cena era tão prosaica! Uma banana devorada como se fosse um segredo escondido. Despedimo-nos.

No caminho para casa, ao contrário do que sempre fazia, desci do ônibus e parei no bar da esquina. Mário, meu irmão, perguntou rindo:

— Que tu estás fazendo aqui, menina? Hoje é quarta-feira, movimento fraco, não precisamos de ajuda.

Nem sorri, apenas fui até ao balcão e peguei uma cerveja. O Mário ficou me olhando, como eu fizera diante de minha amiga há pouco:

— Algum problema?

Olhei para ele como se fosse transparente e respondi, lacônica:

— Todos os problemas do mundo. Eu fecho o bar. Avise à mamãe que vou dormir aqui e, no fim do mês, pago todas as cervejas que conseguir beber.

Munique, Alemanha, 1944.

Hans Müller desce de sua bicicleta amarela, enfeitada com uma flor vermelha.

Primavera. Munique, apesar dos destroços ocasionados por alguns bombardeios, está linda! O jardim central da cidade está intacto e Giselle recebe com um sorriso tímido a flor que Hans lhe entrega. Veio se despedir. Tinha dezpoito anos e havia sido convocado. Ela estremeceu. Ele a beijou. O casamento seria o ideal. Talvez nem precisasse ir embora.

Acordaram tudo com a mãe de Giselle que tinha que assinar, pois a garota tinha apenas quinze anos. O pai já estava há quatro anos na guerra, sem dar qualquer notícia nos últimos meses. Os pais de Hans já tinham desaparecido. Procurou infinitas vezes, mas ninguém parecia se incomodar com a orfandade de ninguém. Soube depois que estavam vivos: a mãe por ser médica e o pai porque era um conceituadíssimo biólogo.

Ele deveria levantar as mãos aos céus e agradecer, apenas isso. Quase o prenderam porque não pertencia à Juventude Hitlerista. Justificou com a Notificação Médica, que atestava: inapto para serviços físicos por problemas na coluna.

Os membros funcionavam mais ou menos? Então, heil Hitler! Até em cadeiras de rodas, desde que os braços conseguissem segurar uma arma, qualquer um tinha que servir ao Führer, mesmo porque ele estava perdendo forças.

Casaram-se, mas não adiantou. Hans, dois dias após o casamento, empunhou uma arma e foi para o fronte. Giselle ficou sozinha, com sua flor vermelha. O cheiro primaveril no ar se misturando aos destroços, cheiros de pólvora e morte.

Cinco dias depois, a Gestapo invadiu o porão em que se escondiam. Um vizinho, em troca de pão, indicou o lugar. Dona Elisabeth, a mãe, implorou, chorou, mas não adiantou: diante dela, cinco soldados

violentaram Giselle. O último soldado deu à Dona Elisabeth um bálsamo: um tiro no meio da testa.

Giselle foi abandonada, porque pensaram que estava morta, mesmo assim, deram-lhe um tiro à revelia. Pegou no braço e ela sobreviveu, vivendo na casa de uns amigos que a tinham socorrido.

Dias após o acontecido, quando já se sentia mais forte, apesar de comer grama com um pouco de azeite (únicos alimentos disponíveis), voltou ao velho porão e procurou exaustivamente a sua flor vermelha que estava dentro de um livro de poesias. Encontrou. Quando a pegou, tinha a nítida impressão que ela sorria.

Era o sorriso de Hans. A primavera que lhe cabia. Apenas uma flor sorrindo. Três meses depois, Dona Heike, a amiga diante dos constantes vômitos, diagnosticou: você está grávida! Ela estremeceu. De quem? De Hans? Dos cinco soldados? Qual sêmen daqueles porcos sobrevivera em seu útero?

A mãe sempre lhe ensinou sobre a justiça divina e, convicta, ela mesma escolheu a semente que agora estava crescendo dentro de si: é do Hans e vai se chamar Hans Kurt, em homenagem aos dois homens que tanto amava – o marido e o pai. E acarinhava o incógnito filho em sua barriga, esperando alguma notícia sobre ambos.

Hans Kurt já tinha um ano, quando ela recebeu uma seca comunicação: Hans Müller estava morto. Procurando nas fatídicas listas do exército precisou olhar mais de dez vezes para reconhecer, entre o embaçado de seus olhos lacrimosos, o nome de seu pai. Ele também não voltaria.

Olhou para seus pés como se fossem virar asas para passarilhar acima da Terra, acima do Universo, adentrando o infinito. Abriu seu livro e Hans sorriu em forma de flor.

Olhou para o parque em frente e a primavera sorria com todas as suas flores como a exortá-la a procurar um futuro. Até a primavera

sobrevivera àquela tortura da guerra e como tantos seres humanos viraram pó?

Jurou nunca mais passear em um jardim, principalmente, quando florido. Agora, era como se a primavera e todas as suas malditas flores zombassem dela. A guerra tinha acabado, mas não para ela.

Agora teria que enfrentar as agruras de um país em frangalhos, com um filho pequeno e com apenas dezessete anos de idade. A escola não mais existia, a casa de seus pais também se transformou numa pilha de sucata.

Ficou horas olhando para o globo terrestre em cima da mesa. Girava-o como se com isso já estivesse viajando. Ficou olhando aquele coração enorme no continente sul-americano. Suspirou triste. Parece tão longe, mas deve ser uma terra maravilhosa como um coração de mãe, por isso o seu formato.

Pegou o filho, o livro de poesias com sua flor e foi direto para a Embaixada do Brasil. Conseguiria sair do país de qualquer jeito. Recebeu, através de um sobrevivente, a notícia de que seu pai morreu no campo de concentração de Sobibor, Polônia, em 1943, durante uma revolta entre os prisioneiros.

Ele era engenheiro químico, amigo de Universidade dos pais de Hans e, quando descobriu que toda a sua capacidade profissional estava sendo usada de forma violenta, recusou-se a continuar trabalhando nos laboratórios. Os pais de Hans também participaram do levante e constavam da lista implacável que exibia os mortos nos locais militares.

Com um inglês impecável, implorou por ajuda na Embaixada Brasileira. Teria que ter um endereço fixo no Brasil. Depois de muito chorar e suplicar, já ia se retirando, agarrada ao filho e ao livro, quando uma senhora se aproximou do homem que a estava entrevistando e disse: “eles vão comigo”.

A vida nunca lhe pareceu tão preciosa! Sua mãe tinha sido professora de alemão da Doutora Ana Maria Monteiro, Médica Sanitarista da Cruz Vermelha, quando tinha chegado a Munique. Tornaram-se amigas e, agora, aquela mulher quase desconhecida, apertando-a ao peito, abria-lhe a possibilidade de subsistência.

A viagem ao Brasil foi longa. Na bagagem, apenas um livro de poesias com uma flor vermelha já seca, mas que ria ou chorava quando ela a observava e sempre lhe trazia o rosto de Hans.

Num insight, percebeu que jamais se desligaria do seu efêmero passado se continuasse hipnotizada por aquela flor, ela a fazia se lembrar de amor e dor. Uma flor sofrida como sua infância. Era como se encerrasse toda a sua vida dentro de suas pétalas escuras e sem perfume.

Despetalou a sua flor e foi jogando ao mar, como se com aquele gesto, fosse reconstruindo uma vida nova... Pétala por pétala. Passo a passo. Vivendo apenas um presente, como se nunca tivesse povoado um passado.

Não chorou, apenas ficou ali olhando cada pétala que flutuava nas ondas como se lhe agradecesse por estar livre, dirigindo-se como ela a outras paragens. Sem o maldito cheiro de pólvora que inundava o ar da sua querida Alemanha. O peito se desafogou num sopro de paz.

Era como se cada pétala fosse um pedaço do corpo de Hans. Ele também estava livre dela, de sua constante saudade. Agora também encontraria a sua paz. Seria, para sempre, uma lembrança querida.

Leu uma poesia e sorriu orgulhosa por ter sobrevivido e, por ter consigo a continuidade dos que amava através do filho. As duas famílias, a dela e de Hans, estavam vivas e livres no sorriso de Hans Kurt, que apertava a sua mão pequena na mão da mãe como se quisesse fazer uma transfusão de energia.

Ela renasceu naquele momento. Aprendera tudo o que a vida nos reserva desde que nascemos: engatinhar, andar, falar com ele, pois era a sua estação das flores e a bússola que a levaria para um eterno presente.

Eu parecia hipnotizada diante daquele copo vazio da cerveja que enchia a minha cabeça de imagens. Por tão pouco, pessoas se suicidavam, destruíam-se através de drogas. Vi, como se estivesse lá, aquela menina tão corajosa correndo atrás de um futuro tão incerto.

E, finalmente, entendi a sua voraz dentada naquela fruta tão banal para nós: o que se come numa guerra? Come-se nada. Come-se violência e o mais incrível é que ela tinha se mantido uma pessoa tão meiga e gentil.

A melhor Secretária Executiva da Empresa em que ambas trabalhávamos e, apesar de nos conhecermos há mais de dois anos, somente agora me contou a sua história, porque recebeu uma flor vermelha.

Quando ela abriu a caixa, estremeceu e começou a chorar convulsivamente. Então, convidei-a para almoçar. Ela estava fazendo quarenta anos e o filho mandou a flor com um bilhete:

“Mãe, que sua vida seja sempre como esta flor. viva, colorida e perfumada. E que a faça se apaixonar outra vez pela sua estação preferida: a primavera. Beijos, Hans Kurt”.

Ela, enquanto chorava, acariciava a flor vermelha e apenas repetia: “... essa jamais será sofrida e jamais ficará perdida no mar do meu futuro. Jamais!”.

De Arabel os Dias de Naomir

Paulo Luís Ferreira

*“Diante da vastidão do tempo
e da imensidão do universo,
é um imenso prazer para mim
dividir um planeta e uma
época com você”.*
(Carl Sagan)

Ontem fui à festa na casa de minha amiga Naomir. Revelo: não gostei do que vi quando lá cheguei. No centro da sala, um relógio de pêndulo marcava as horas sem precisão, se era zero toava doze vezes o carrilhão. Um grupo de pessoas cantava Ave-Maria, outro respondia ora-pro-nóbis. Os círios acesos queimavam cheiros de alfazema, mirra e jasmim, inebriando o ar. Rasguei-me a camisa e sequei meu pranto. Consternado desci as escadas do décimo quarto andar. E, naquela postura atordoada, cheguei ao rés do chão. As ruas estavam molhadas, opacas. A madrugada era de cinzas; os paralelepípedos salpicados de lantejoulas e areia prateada, o sinal fechado e o trânsito parado. Entrei no carro. Os faróis dos carros contrários incandesciam minha mente que, por si, contrabrilhavam lembranças do dia em que vi Naomir sendo rainha do mar...

Liguei o rádio do carro.

Da última vez em que estive com Naomir, ela estava só. Quase não havia luz na sala. As persianas estavam fechadas. Apenas fochos de luz reverberavam. Sentei-me ao seu lado às apalpadelas e ficamos ali, na penumbra. Então ela disse: “espera,

Arabel, vou fechar a janela, não quero que os vizinhos nos ouçam.” Ficamos naquela tênue luz de uma claridade diluída, enquanto a fumaça de seu cigarro dançava loucas acrobacias nos raios que transpassavam as frinças da janela. Tomamos chá em porcelanas que não eram chinesas. Naomir liga a vitrola, do disco soa uma bela e dolorida canção, que ela cantarola emotiva...: *“Quantas vezes deve um homem olhar pra cima para poder ver o céu...”* O espaço enleveu-se numa súbita nuvem de incenso nepalês e melodia a invadir nosso ser. Naomir senta-se em meu colo e olhando-me com ternura, abraça-me forte e satisfaz mágoas contidas e prazeres instintos. Sinto em meus glúteos a pressão doce de suas mãos. Vieram os êxtases; e entre espasmos soluçamos de amor. Uma sonolência tomou conta de nós.

Lá fora na noite, piscavam em volta de grandes letreiros concomitantes luzes de neon. Do transe despertamos em sobressalto. E num lapso de tempo, Naomir abriu uma caixa de papelão coberta com papel crepom de onde saíram poemas e fotografias que fiz para ela... *“Areia branca e parda, molhada, molhada dos pés ao cabelo por dentro do vestido; molhada e úmida, nua e crua... Quando do primeiro sangue de seu sangue o diluímos na areia de tantas praias... E vimos duas luas, uma no céu, outra no mar... Em nossas bocas o grito paralisado no ar... E como um querubim, abristes as asas para voar, mas eras pássaro de uma asa só...”* – o quarto ilumina-se, a manhã chegou...

No primeiro giro do dial tocava uma bela canção de John Lennon...

A primeira vez que nos vimos foi minha amiga quem me encontrou. Estávamos na escuridão, acabávamos de atravessar um longo corredor. Advindo das gretas da terra. Ela vinha do Leste eu do Oeste. Encontramo-nos no centro do vazio num silencioso setembro de primavera. Então ela tocou-me no rosto e eu no rosto dela. E nesse instante ela me disse: “eu estou aqui, Arabel.” Então eu disse: “eu também estou Naomir.” Findas estas poucas palavras nos entregamos a um abraço calado... Então dei beijos em todo seu corpo até sua vulva fecunda para o sexo altear. Que irrequieta, contorcia-se, deflagrando odores. Quando, entre suas pernas, naveguei, e meu lamento derramei em seu ventre. Assim ficamos saciados e emudecidos no deserto de nossas almas num silêncio cavo. E após a dormitação nos prometemos sermos os servos de nós mesmos...

A canção dizia: “*Imagine um mundo melhor...*” Então imaginei um milhão de pássaros voando e gorjeando. Lembrei-me de minha amiga quando cantava... “*Furaro os óios do Assum Preto pra ele assim cantámió...*”.

Ferros cravei em meus tormentos. Opacas lembranças de meu pensar.

Mais uma vez numa brilhante primavera de tulipas e miosótis nos encontramos de tardezinha, ao cair do sol. Do banco da praça avistamos pessoas a nos observar como se fôssemos gente de outros mundos, ah se soubessem que somos apenas pó. Antes de começarmos a conversar, tomamos sorvete de limão branco coberto com calda de pitanga. Adentramos um

bosque cheio de vivos ares. Caminhamos pelas alamedas com os passos contados, pisados, leves. Enquanto as árvores vigiavam as estátuas caladas, assistíamos embevecidos as andorinhas em torvelinhos à nossa volta. Estávamos alegres e felizes. Tão felizes que ao olharmos o horizonte lá no recôncavo da abóbada celeste, contemplamos uma flor em seu silêncio e respiramos profundamente e passeamos pelo vento, as mãos dadas, (emprestadas) e esquecemos os ideais estudantis, porque as metralhadoras também silenciam com salinas em suas engrenagens...

Busquei outras canções pelo dial...

Era carnaval: arlequins misturavam-se a índios, alienígenas, homens de lata, personagens da literatura universal. Os dom-quistotes, sancho-panças, marlamés, cinturiões, cleópatras, leões, leopardos, pedrinhos, viscondes-de-sabugosa e emílias; lobos bons e maus entressachavam-se pelos carros, pelas calçadas, destino à avenida e aos bailes...

O rádio estava de difícil sintonia...

Reminiscências de outro carnaval trouxera-me minha amiga em sua original fantasia em máscara veneziense que, num baile vespéral entre pierrôs e colombinas, deslumbrou outros tantos dançarinos com seus passos prestidigitadores, mágicos e esvoaçantes pelo salão.

Mais uma vez nos encontramos. Desta vez nada dissemos de nós, nem nada fizemos. Era manhã de um sábado de novembro rosicler, em um bosque de folhas secas, verde-musgo. Nosso vulto caminhava cabisbaixo por entre os jequitibás. O passo lento, sombrio, taciturno. Naomir nada falou, apenas murmurou: “O médico disse-me para que eu tomasse estreptomomicina.” Eu olhei para as folhas mortas e

larguei uma lágrima sem que minha amiga visse... Quando no céu de nossas bocas desmoronaram castelos de areia...

Nesse instante ela pegou de minha cabeça e como uma relíquia a depositou em seu ombro e, sussurrando ao meu ouvido em tom metafísico, predisse-me que o mundo já tinha data certa para seu fim. Para que eu não me assombrasse nem entristecesse. E disse-me entre soluços: “Quero, pois então, que tomes minha cabeça em tuas mãos e faças comigo o que for de teu desejo até a morte.”

Não havia mais canção, mas uma estação dizia notícia:
“Na Maternidade da Luz ventres se abrem; outras vidas nascem...”.

Uma réstia de luz iluminou minhas lágrimas finais.
Começo e fim...

Apago o som do rádio...

O conta-giros do motor acelera alucinado rumo ao cais do porto. O carro voa com as quatro rodas no ar para o mergulho abismal. E numa tela incolor uma canção sem melodia borboleteou no bosque escuro e no cais do porto:

De Arabel os dias de Naomir. Nossa imagem consumida.

Sem passagem. Paisagem dolorida. Perdemos o instante.

Reencontrar;

Naomir... Para o céu...

Arabel... Para o mar...

Andar, andar Naomir...

O atraso da primavera

Joaquim Bispo

Há muito, muito tempo, quando os homens viviam ao ritmo das estações, houve um ano em que a primavera na Europa se atrasou para além do habitual. Passou março, abril ia adiantado e nem sinais dela.

O verão lá dos pomares que habitava, olhava, olhava e os campos que vislumbrava, mantinham-se desolados, gelados, batidos pelo vento. Temendo pela eclosão das sementes e preocupado com o que pudesse ter acontecido à Primavera, resolveu procurar o Outono para lhe comunicar o que estava a acontecer e decidirem o que fazer. Muniu-se de uma coroa de raios solares e pôs-se a caminho. Em breve atingiu as florestas onde o Outono vivia. Este ficou muito preocupado com o que o verão lhe contou e sugeriu que fossem falar com o Inverno, que vivia numa caverna rochosa numa montanha a norte. Talvez ele soubesse alguma coisa ou pudesse ajudá-los a procurar a desaparecida. Pôs pelos ombros uma ampla capa de folhagem castanha, vermelha e amarela e puseram-se a caminho. Andaram, andaram por campos vazios e silenciosos e prados de plantas cinzentas e murchas. O vento assobiava gélido e selvagem. A progressão ia-se tornando mais penosa, por serras escavadas e desfiladeiros atulhados de neve. Ao fim de uns dias, chegaram finalmente à gruta do Inverno.

Entraram. O frio parecia mais intenso, o escuro era medonho. Ao fundo de uma galeria, encontraram o Inverno agitando as suas asas de morcego sob o seu manto de nuvens negras, atarefado com o funcionamento do enorme fole que soprava os ventos agrestes por sobre os montes e os vales.

— Inverno! — bradou o Outono, que era quem tinha mais contato com ele — já viste a Primavera este ano?

O visado virou-se lentamente e, de cabeça baixa, mirou os visitantes por baixo das sobranceiras nevadas.

— Ó entes tresloucados, o que fazeis por estas paragens? Abrigai-vos aí nessa côncava, que não estais habituados a estes frios.

— Não te preocupes conosco, que estamos protegidos — a voz possante e clara do Verão encheu a caverna. — O que nos preocupa é que já estamos a chegar a maio e ainda não vimos a primavera.

O Inverno imobilizou o fole e aproximou-se dos visitantes.

— Não te abespines, Verão! Sei que és jovem e sanguíneo, mas a hospitalidade é um dos meus princípios. Sim, já a vi. A pobrezinha está lá dentro, deitada. Mas, descansai um pouco. Sentai-vos.

— Que lhe fizeste, velho perverso? Sequestraste-a? — a coroa do Verão faiscava.

O Inverno olhou-o com indulgência. Juntou uns cavacos e acendeu uma fogueira.

— Esqueces-te que é minha filha? — murmurou. — Está um pouco atrasada, só isso. A juventude não tem o sentido das responsabilidades! — a sua voz parecia denotar algum desapontamento, enquanto lhes servia um ponche quente.

O Outono, mais cordato, sorveu um trago e indagou:

— Mas diga-nos, Inverno, que se passa com ela para deixar assim as plantas e os animais em completa desorientação?

— Ela esteve no hemisfério sul, como faz todos os anos, mas desta vez parece que conheceu lá alguém interessante

— um tal a quem chamam *El Niño* — e só voltou há meia dúzia de dias. Vinha exausta e toda alvoroçada, de modo que eu achei melhor ela descansar uns dias antes de reiniciar as suas tarefas. Esperai que eu vou chamá-la!

Enquanto se afastava para a zona mais escura da caverna, o Verão mostrava-se inquieto:

— Acreditas nele?

— Não sei. Vamos esperar. Mas, se for verdade, também acho incrível que a menina tenha ficado no bem-bom, para lá da licença, e que, chegada aqui, o papá ainda ache que a filhinha precisa de descansar. Não é espantoso?

— Claro! Eu acho que isto não pode continuar! Ou bem que se assumem compromissos ou não!

Pouco depois, entrava a jovem, deslumbrante num vestido de pétalas de amendoeira e uma tiara de flores amarelas de giesta que acentuavam o azul celeste dos olhos.

— Oh, que queridos! Preocupados por minha causa! — beijou ambos, ao mesmo tempo em que lhes fazia uma festinha no rosto. — Estava cansadíssima. Foram umas férias e tanto! Fiz falta?

Afastada a crispação e posta a conversa em dia, a Primavera despediu-se. Com as suas asas brancas, elevou-se nos ares, sob o olhar embevecido do trio. As nuvens negras rasgaram-se e dissiparam-se, o céu azul apareceu e o sol beijou os prados, os pomares e os bosques. Do alto, começaram a cair pétalas de todas as cores que esvoaçavam e pousavam delicadamente sobre todas as plantas. Os talos esqueléticos em que elas tocavam, começaram a lançar rebentos que se abriam em folhas e flores. Cheiros adocicados flutuavam ao sabor da brisa suave. Nuvens de abelhas, besouros e gafanhotos

cruzavam os ares em azáfamas surpreendentes. Passarada de todos os tamanhos e cores revolteava a alimentar-se, a acasalar, a construir ninhos. Os seus inúmeros chilreios misturavam-se com as cegarregas de grilos e cigarras e o coaxar das rãs.

A temperatura era agora fresca mas deleitosa, os campos fervilhavam de cores e vida e os homens estavam felizes. Atrasada, mas fulgurante, tinha chegado finalmente a primavera.

Infinito

Driely Meira

Não estava chovendo, mas ela bem que gostaria que estivesse. Não que a chuva fosse mascarar o rosto inchado e vermelho de tanto chorar, mas seria, de alguma maneira, refrescante. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e foi arrastando os pés até o ponto de ônibus mais próximo. Era hora de ir para casa.

Quando a brisa soprou mais forte, uma flor tricolor escapou de algum lugar e a atingiu na bochecha, fazendo cócegas. Clementine tentou pegá-la, mas o vento, mais uma vez, a levou embora. Não querendo desistir e desejando muito saber qual era a espécie da flor, a garota foi atrás e finalmente a alcançou.

— Viola – sussurrou, não contendo a risada ao imaginar o instrumento musical. A única coisa diferenciando um do outro era a pronúncia; V-a-i-ô-l-a. – Mas cá entre nós, Flor Amor-perfeito também não é um nome tão bom – murmurou, alisando as pétalas coloridas da flor, observando a famosa “carinha” em tons de marrom escuro no centro da mesma. – De onde você veio? – perguntou, olhando ao redor. Imaginou ter visto alguém se afastando, mas o vento soprou mais forte desta vez, e ela fechou os olhos por causa da poeira.

Clementine respirou fundo, alisou a flor mais uma vez e voltou para o ponto de ônibus, sentando-se cuidadosamente no banco enferrujado. Estava arrasada. O projeto final da faculdade não havia dado certo, e ela não sabia se deveria arriscar um novo; as chances de sua nova ideia dar errado eram superiores

às de darem certo, e ela realmente não sabia se valia a pena. Sempre que arriscava, acabava sem nada.

— Déjà-vu – resmungou. Não era a primeira vez que tentaria adiar o inevitável por medo das consequências; meses antes, havia magoado a única pessoa que realmente amara durante toda a vida, e tudo porque não soubera dizer o que estava sentindo. Ela até tentara, mas quando o fizera, já era tarde demais. Não se arrependera na hora, mas quando amadurecera o suficiente para perceber o que havia perdido, já não podia mais voltar atrás. O que deixava sua consciência limpa era saber que Verônica havia tido seu desfecho, e por mais que doesse, imaginar que a garota havia seguido em frente era bom.

Clementine levantou o olhar quando ouviu o ônibus se aproximando, e se apressou, remexendo nos bolsos, procurando as moedas que usaria para pagar a passagem. Subiu, cumprimentou o motorista, pagou e sentou-se no primeiro banco vazio que viu. Não havia muita gente, mas assim que a porta do ônibus se fechou, alguém bateu no vidro e pediu para que fosse aberta. Clementine fechou os olhos e encostou a cabeça no vidro da janela, tentando mandar os pensamentos embora. Não funcionou. Além das incertezas acerca de seu futuro, Clementine também guardava culpa, e muita, mas muita saudade. Somado a isso, duas vozes masculinas começaram a conversar próximo a ela, o que não ajudava muito na missão de expulsar os pensamentos.

Imaginava ter feito o certo ao convidar Verônica para tomar um café e resolver as coisas, no final daquele inverno, mas para ela, não havia adiantado muito. A saudade sufocava-lhe o peito como se nunca fosse soltar, e a culpa lhe pesava a consciência. Ela sabia que não tinha como voltar atrás, sabia que

não podia simplesmente infiltrar-se na vida de Verônica outra vez, agora que a moça já havia seguido em frente. Mas...

Clementine levantou a cabeça de súbito, batendo-a com força no vidro da janela. Ignorou o olhar assustado do rapaz que entrara após ela, e também a dor latejante que logo se transformaria num galo bem na região da fronte, e sorriu à medida em que uma ideia lhe brotou na mente. Ela não precisava se enfiar na vida de Verônica outra vez, não precisava bagunçar o que já estava arrumado... Mas podia juntar sua dor, suas lembranças e o resquício de seu amor à ideia do novo projeto, que já começava a parecer muito real à medida em que tomava forma em sua cabeça.

Tudo podia dar errado, mas havia também a possibilidade de que as coisas simplesmente funcionassem, e Clementine estava contando muito com a segunda opção.

— Quem não arrisca não petisca – murmurou, sorrindo e olhando rapidamente para o tal rapaz, que ainda a encarava.

— Realmente. – Ele concordou, estendendo a mão. – Camélio.

Semanas depois

— Como vai funcionar? – Camélio perguntou, as sobrancelhas franzidas em dúvida.

— Até o momento, planejo expor os desenhos e os significados de cada flor, relacionadas a cada momento desenhado ali. Por exemplo, quando conheci Verônica, fui esperança, então estou segurando uma flor “*Galanthus*”, e veja como olho para o céu, como que à espera de algo divino a

chegar. A segunda, “Violeta”, significa lealdade, e é como eu me senti nos primeiros meses de relacionamento; tão leal a ela que mal conseguia pensar em outra coisa... – Clementine molhou os lábios, parecendo envergonhada, mas o rapaz apenas sorriu, parecendo entender. – A terceira traz uma “Lírio-do-vento” jogada no chão, e isso significa espera. Esperei tanto para dizer o que sentia, que acabei perdendo Verônica. – engoliu em seco – O que leva ao quarto desenho; pensei que a melhor maneira de expressar seu significado seria com essa garota na chuva, parecendo derrotada e não tendo nada pelo que lutar. Em sua mão direita, ela segura uma flor “Helenium”, lágrimas, dor.

— Agora é quando as coisas ficam bem? – Camélio pergunta, com um sorriso solidário no rosto.

— Ainda falta um pouco para a primavera chegar aí. – Clementine enxuga as lágrimas.

— Me traga a primavera então. – Ele pede gentilmente, num sussurro.

— Antes disso, o quinto desenho. – Espalha os outros pela mesa, pegando o desenho em questão e entregando-o em suas mãos. – “Anêmona”, abandonada.

— Uau. – Camélio suspira, parecendo impressionado, e talvez um pouco surpreso. Clementine sorri, satisfeita; esperava arrancar tais reações de diversas pessoas quando todas as obras forem expostas. – Não precisa nem explicar o desenho, consigo entendê-lo só de olhar para as linhas. – Ele murmura, observando a bagunça ordenada de cores que refletem cada uma um sentimento diferente, e que parecem sair do papel e atingir quem as vê não nos olhos, mas no peito. – É agora que tudo fica bem?

— Talvez. – Clementine esconde um sorriso, pegando a próxima obra. – Aqui foi quando nos encontramos para conversar, há poucos meses. “Gardênia”, sinceridade, desenhada na mesa em que nos sentamos.

— Você optou por usar uma foto! – ele levanta o olhar, confuso.

— Sim. Achei que poderia misturar fotos com desenhos, já que neste caso, uma foto refletiria melhor no que eu estava pensando. Foi o lugar onde fizemos as pazes, mas também foi onde eu percebi que a havia perdido para sempre. O dono do estabelecimento permitiu que eu fizesse arte em uma das mesas, então talvez você perceba que, além de “Gardênia”, há outra flor aí.

— “Abrotéa”... – ele murmura, levantando os olhos da fotografia e encarando Clementine, que parece surpresa. – Arrependimento.

— Você conhece a linguagem das flores. – ela cruza os braços, como que a espera de uma explicação.

— Conheço. Às vezes estudava na biblioteca da faculdade quando você também estava por lá, e a ouvia murmurar sobre flores. – Sorriu. — “Abrotéa” foi uma das poucas flores cuja imagem consegui guardar juntinho de seu significado, nessa bagunça que eu chamo de cérebro.

— Então você consegue entender essa foto? – ela pergunta, ansiosa.

— Acredito que sim. “Gardênia” e “Abrotéa”... Sinceridade porque foi onde você e Verônica falaram sobre o que sentiram, onde colocaram um ponto final em tudo... E Arrependimento porquê... Foi onde percebeu que talvez tenha cometido um erro?

— E quando já era tarde demais para tentar consertá-lo.

— Estou cada vez mais ansioso pela parte feliz, como você pode perceber. — Ambos riram, mas antes que Clementine pudesse pegar a próxima foto, ele disse: — Não que eu não esteja adorando essas cinco...

— Seis — ela interrompeu. — Essa última foto conta como duas, por ter duas flores e dois significados diferentes.

— Faz sentido. — Camélio olha para a foto mais uma vez, ainda parecendo impressionado com o trabalho. — A maneira como você produziu os desenhos e a foto, e como consegui encaixar seus significados em cada momento do relacionamento entre vocês, é simplesmente incrível. Não sei se consigo encontrar uma palavra para expressar tudo o que senti ao ver isso tudo..., Mas eu consegui entender tudo o que você sentiu, e acredito que pude sentir pelo menos um pouquinho de cada coisa só de olhar para isso. É melhor do que qualquer livro que eu já tenha lido porque traz uma história real, uma história triste, sim, mas que vai ter o melhor final de todos: um final que não acaba, porque a sua vida ainda não acabou. Eu sei que sou apenas um grãozinho de areia nessa imensidão de mundo, mas se a minha palavra tem algum peso.... Esse é o melhor não-livro que eu já vi, e olha que ainda nem chegamos ao final.

— Você disse que o final não acaba. — Ela levantou uma sobrancelha.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — Ele riu.

— Sétima e oitava — entregou-lhe o desenho — “Daphne” e “Miosótis”, que tenho tatuada no pulso, — mostrou-lhe — significam não mude e não me esqueças, respectivamente. No momento em que Verônica saiu pela porta, desejei que nunca mudasse, mas também que nunca me

esquecesse. Quero que se lembre dos momentos felizes e das lembranças doces, e é por isso que a nona foto – entregou-lhe, sorrindo com entusiasmo e mexendo-se na cadeira –, “Vinca”, completa esta.

Camélio arregalou os olhos, colocou as fotos lado a lado e olhou para Clementine, de boca aberta. As fotos se encaixavam, e juntas eram o desenho mais lindo que ele já tinha visto na vida.

— Há quatro flores aqui. – Ele engoliu em seco – Consigo ver “Daphne” e “Miosótis” juntas nessa parte mais fria, com os tons de azul e tudo o mais. Também vejo “Vinca” no encaixe entre os dois desenhos..., mas esta – apontou – com os tons de vermelho e as demais cores quentes, essa eu não conheço.

— Camélia – ela falou docemente..

— Camélia – repetiu, um sorriso crescendo lentamente nos lábios.

— “Fogo em meu coração” — Clementine esticou uma das mãos sobre a mesa e pegou a dele. – Verônica foi meu primeiro amor e sempre o será, e talvez sempre haja uma parte de mim que a amará. Mas foi você quem botou fogo em meu coração, e desde aquele dia em que nos conhecemos, quando você praticamente jogou aquela Viola tricolor em mim, eu sabia que era pra ser você.

— Você vai me fazer chorar – murmurou, olhando ao redor.

— É o que pretendo. Sabe o que aquela viola significa? – ele negou, finalmente olhando-a nos olhos. – Era usada por aqueles que queriam transmitir a mensagem de um amor que nunca seria esquecido. Significa “pensamento”; um amor

poderoso, cujas lembranças permanecerão no pensamento.
Amor que não se acaba.

— Infinito. – Camélio sorriu, e aquele foi o sorriso mais lindo que ela já tinha visto.

— Acho que chegamos no momento em que tudo fica feliz – ela disse.

— Chegamos na primavera então. – Camélio se levantou, deu a volta na mesa e a abraçou.

— Chegamos na primavera, meu Infinito. – Clementine fechou os olhos e sorriu.

Sofrimentos primaveris

Marcelo Gomes Jorge Feres

Sofrimentos primaveris

Rosas despetaladas

Margaridas traídas

Flores murchas

Botões

Sofrimentos primaveris

Alfices e repolhos

Gardênias azuis

Gengibres nus

Abrolhos

Sofrimentos primaveris

Naturezas despertadas

Outonos soturnos

Invernos gélidos

Verões

Sofrimentos primaveris

Versos livres

Prima Vera

Amantes

Poetas

Primavera

Aldirene Máximo

A primavera chegou
E com ela,
Trouxe o Amor.

Flores enfeitarão minha vida
A começar pelas margaridas.

Serão tardes, noites e manhãs perfumadas
Em sintonia com a beleza da alma purificada.

Serão: Rosas, Violetas,
Cravos, Jasmins,
Orquídeas e Margaridas
A formar um coral.

Em minh'alma
Intensa festa da janela a contemplar
A magia do recomeço...

A primavera chegou
E trouxe consigo a Esperança
Fitarei com um sorriso
A inocência de cada criança.

Cantaremos:
O Vento será o maestro
O Sol a emoção

E as borboletas, a plateia.

Minha vida não será a mesma:

Haverá metáforas e sonhos pelo caminho

E os Beija-flores completarão o espetáculo.

A primavera chegou

Para transparecer o verdadeiro sentido da vida

E para nos mostrar

O caminho da Felicidade.

Novas sementes serão espalhadas na Terra

Para que tenhamos novas inspirações...

Botões (Primavera)

Julie Veiga Ferro

A estação me chega ramificada
Brilhante
Diversa!

Em galhos, cores
Botões
Flores

Artesã da leveza
Em formas distintas
Primavera fragmentada
Quadros, tinta

Da raiz às pontas
No vento que balança
No lúdico que pinta
Faz de mim criança

O verde de esperança
Um azul céu descortinado
No neutro que é sereno
Cria seu próprio tom dourado

Mil elementos na criação
Arte contemplada à luz de velas
Pode formar o seu inteiro
Quebrando o ciclo em quatro telas

Tamara Castro

Setembro
pássaros
árvores
sol e vento

à flor da pele
me canta
sou natureza

Primavera

Geraldo Trombin

Aonde você flor,
eu... beija-flor!

Tempo de primavera

Leverton José Veríssimo Vieira

Se eu morresse hoje,
Eu iria sorrir.
Um sorriso como tarde de Primavera
E meu corpo viraria poesia.

Se amanhã eu te encontrasse,
Eu iria lhe dizer tudo.
Tudo desde aquelas tardes de Primavera
E não haveria tantos porquês

Se amanhã eu souber,
Prometo lhe contar.
E nas tardes de Primavera
Nesse tempo morrerei

Sinto que morri devagar,
A cada pôr-do-sol laranja.
A cada tarde de Primavera
E morro ainda mais.

Sinto que te perco,
A cada segunda-feira cansativa.
A cada tarde de Primavera
E te perco ainda mais.

Dizem que não há poesia assim,
Dizem muita coisa na verdade

Dizem que cresci na Primavera
Dizem que estou errado.

Dizem que você mudou,
Dizem muita mentira por aí.
Dizem que desde que a Primavera acabou
Andam dizendo que mudei.

Mas se amanhã eu te encontrasse,
Naquele dia em que você partiu
Naquela tarde de Primavera
Eu ficaria.

Você e eu na primavera

Wilson Duarte

Depois de um dia primaveril pleno de felicidade
vem a noite e com ela o destino é a cama,
para o necessário ato de descansar
e para este poeta novamente dizer que a ama.

Sob lençóis e edredons há beijos de boa-noite
e então recosto-me em seu corpo quente.
Segundos depois você começa a rressonar,
bem baixinho, apenas levemente.

Enquanto meu sono não chega, fico pensando
em mais um feliz dia que tive a seu lado.
O que me dá a absoluta certeza de que
amo você e que também sou amado.

Lá fora, grandes árvores e plantas menores
mostram, em suas flores, o esplendor
de urna estação rica em cores,
sinônimos evidentes de muito amor.

Quisera poder estar com você todo o tempo:
a cada segundo, a cada minuto, a cada hora.
Mas por razões diversas do meu querer,
pela manhã você terá que ir embora.

Meio triste, acompanho-a até seu destino,
onde despedimo-nos e retorno ao meu lar.

No caminho, pergunto a mim mesmo:
será que, ainda nesta primavera, ela poderá voltar?...

Outra primavera

Maria Sueli Fonseca Gonçalves

Nessa, não haverá apenas risos,
pássaros e flores...

Nessa, não haverá apenas encanto,
magia e esperança...

Nessa, não haverá apenas suspiros,
desenhos e sonhos...

Nessa, não haverá apenas promessas,
olhares e espera...

(Vai ser diferente esta primavera...)

Na Primavera do meu contentamento!

Maria Teresa Pelica

Na Primavera do meu contentamento,
por aí voei.
Voei, voámos,
nos encontrámos,
e em cada flor,
cada rebento,
nós navegámos.
Juntos caminhámos,
Percorrendo os céus,
A Terra, o Mar,
E sem nada esperar,
esperei tudo de ti.
Esperei que viesses,
esperei que quisesses,
a Vida encontrar,
na brisa a soprar,
e em cada pássaro, em cada inseto,
O amor encontrar.
Olhámos o céu,
Sentados à beira-mar, de gaivotas saltitantes.
À espera de de encontrarem,
conchas e galhos, folhas e penas,
para os filhotes aninharem.
Olhei, olhámos
Senti, sentimos,
a Primavera a voltar,
e a aragem a rodopiar,

cheia de borboletas, abelhas, e de aves a nidificarem.
Voltaram as andorinhas no seu chilrear,
Vestidas a rigor, de penas brilhantes, pretas e brancas,
bem aprumadas
enchiam os cabos e fios, nos beirais por habitar.
Volta Primavera,
e vem para ficar,
renova a Vida, cheia de beleza,
que sempre nos fará sonhar!

Detalhe

Antonio Luiz Medeiros de Campos

Tudo que você será capaz de sentir está nessa caminhada,
Não há oração nos corredores das UTIs de hospitais que
carregue tanta esperança quanto o verde dessas folhas,
E nem todo sangue derramado nas trincheiras das grandes
guerras fora tão intenso quanto o vermelho das rosas ao redor.

Tudo que você será capaz de sentir está nessa caminhada,
Todos os romances já escritos, não tem fins alegres ou trágicos
o suficiente quanto as histórias observadas por essas arvores
Nenhuma paixão em sua vida, terá um perfume tão memorável
quanto os cravos que agora você exala
E nem terá a leveza que a luz do sol ganha refletida nas violetas.

A existência se torna um mero detalhe
Porque tudo que você será capaz de sentir está nessa caminhada.

Tempo de amor

Roque Aloisio Weschenfelder

Prima do outono, vizinha do inverno e do verão, ela sofre de frio no começo e de calor no fim.

Usa roupas verdes macias e enfeita-se com todos os tipos de flores possíveis.

Alimenta amorosos sentimentos, sopra ventos, às vezes, bastante fortes, xinga os desafetos com trovões e assusta com clarões raivosos. Dá à lua a alegria de seresteiros amantes das estrelas e deixa que os planetas façam as acrobacias nos começos e fins das noites.

Ela finge tristeza em certos momentos e muita, mas muita alegria em outros. Nunca foge de sua sina de recomeçar o ano de brotos, de plantas novas em profusão e de espigar o trigo para o pão nosso de cada dia.

Tem na denominação dois nomes. É a metáfora da infância e da juventude, o sonho de cada pessoa enquanto ainda se esconde atrás do inverno.

De repente, a Prima Vera está com tudo. Ela ajunta seus nomes para ser um só e surpreender a toda a criação do Divino Projetista. Ela quer, em seus três meses de auge, amar a todos os homens e todas as mulheres para que mais felicidade possa acontecer nos países subtropicais.

A Primavera dança com as nuvens, perfura os nevoeiros e alerta aos aflitos refugiados de tantas pátrias malgovernadas a ponto de ocorrerem guerras ou desmandos cruéis para que se integrem aos novos espaços cedidos pelos cidadãos de países menos complicados.

Na Primavera ninguém tem direito a desculpas para não plantar suas lavouras, montar seus projetos e alimentar os sonhos de um mundo melhor. Ela se lança de corpo e alma na conquista da luz do saber, com a esperança de que mais jovens queiram ler livros, mais idosos queiram viver até além de cem anos, mais belezas inundem os cenários em que os atores podem ser duendes marotos e moleques mostrarem que podem salvar o mundo futuro da barbárie.

Toda Primavera os passarinhos fazem ninhos como sempre fizeram, de gravetos e palhas ou folhas, ou mesmo de barro em galhos fortes ou até postes de luz. Os bichinhos que moram no chão saem mais alegres para ver o mundo do qual quase sempre se escondem e os grandes predadores analisam se terão alimento suficiente para procriar e escapar dos riscos da extinção de suas espécies.

Para a estação mais bonita do ano não há pecado mais grave do que o desamor, a falha humana mais cruel imaginável. Ela deseja o amor às crianças e aos idosos, o amor entre os jovens, entre os namorados e entre os casais.

A Primavera é inimiga dos ciúmes, do ódio barato pela discordância política, da ganância sem medidas, que gera a pobreza extrema.

Ela quer que todos aprendam a compartilhar o que sobra na casa dos abastados com quem muito precisa para viver e ter moradia.

A Primavera espera que ninguém desperdice os recursos naturais e saiba destinar os resíduos à reciclagem em prol da manutenção das florestas e dos recursos minerais do solo, bem como a água.

Ela quer que eu, você e todos respeitem a natureza e saibamos nos proteger nos momentos em que os eventos severos vêm mostrar a força natural que demonstra quão pequenos nós somos perante a força manejada pelo supremo poder que a tudo governa.

Ó Primavera, seja nossa parceira nos dias trabalhosos, nas datas festivas, nos momentos de lazer, na hora de escrever!

Ó Primavera, ajude-nos a vencer os preconceitos, a sermos mais tolerantes e menos preocupados com o politicamente correto para que a convivência possa ser mais fraterna e menos odiosa!

Ó Primavera, faça nossas mentes perceberem em tempo os perigos dos vícios e dos erros com a alimentação!

Ó Primavera, chova em todos os lugares para não haver secas causadoras de faltas d'água e fome pelos sertões afora!

Ó Primavera, traga todas as flores que os amantes precisam para presentear seus amores!

Ó Primavera, é hora de parar de falar de você, para pensar nas demais tarefas que devemos cumprir.

Que venha setembro e com ele a tão esperada, sonhada, ambicionada e encantadora PRIMAVERA.

Sobre os autores

Aldirene Máximo: Nasceu em São Paulo. É graduada em Letras pela Uninove e pós-graduada em Psicopedagogia pela mesma instituição. Narradora de histórias pelo Senac, escreve poesias desde os 12 anos. É autora dos livros: *Eu acredito no Amor!* e *Metáforas*, ambos pela Editora Scortecci. Tem participação em diversas antologias e revistas literárias. Acredita que sua missão é espalhar poesias pelo mundo. Contato: writer.aldy@gmail.com.

Antonio Luiz Medeiros de Campos: Tem 19 anos, nasceu em Mairinque (SP), e atualmente reside em Alumínio (SP). Contato: antonio.camppos2@hotmail.com.

Driely Meira: Nasceu em Mairinque em 1998 e reside em Alumínio. Blogueira literária, contista e estudante de Letras na Universidade de Sorocaba (Uniso), participou das antologias *Amores (Im)possíveis* e *De repente, nós*, da editora Andross, *Poderes e Monstros entre nós*, da Darda Editora, e *O parque, Literatura de outono* e *Eterno inverno*, da editora Jogo de Palavras. Contato: driely.meira@botmail.com.

Edih Longo: É formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo “*Arte in Cena*” do Clube Paineiras do Morumbi. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e foi agraciada recentemente por três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro. Contato: edillongo@yahoo.com.br.

Evandro Valentim de Melo: Escritor. Brasileiro; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador. Publicou *Guardiões do cerrado* (Assis, 2018); *Aventura no cerrado* (Assis, 2017); *Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e acolá* (Assis, 2016), *Cliques narrativos: um romance em crônicas* (Assis, 2014); e “*Causos*” de RH: o livro (Livre Expressão, 2011). Detentor de premiações nas categorias: conto, crônica e microconto em diversos concursos literários. Participação de diversas antologias. Contato: ordnave.melo@gmail.com.

Geraldo Trombin: É publicitário, ex-colunista dos blogs ContemporArtes e BDE (Bar do Escritor) e colaborador do jornal *O Liberal*, de Americana/SP. Lançou em 1981 *Transparecer a Escuridão*, produção independente de poesias e crônicas, e em 2010 *Só Concurados – diVersos poemas, crônicas e contos premiados*. Tem classificações em inúmeros concursos literários realizados em várias partes do país e também em Portugal, além de trabalhos publicados em jornal e diversas antologias. Contato: gtrombin@terra.com.br.

Joaquim Bispo: Português, reformado, ex-técnico da televisão pública, licenciado em História da Arte. Experimenta a escrita de ficção desde 2007. Frequentou oficinas literárias na internet, colabora com a revista literária eletrônica Samizdat desde 2008 e integra mais de uma vintena de coletâneas resultantes de concursos literários dos dois lados do Atlântico. Contato: episcopum@botmail.com.

Jullie Veiga Ferro: Poeta de São Luís (MA). Também escritora e organizadora de projetos literários. “Escrevo desde a infância, por paixão e porque as letras me tomam e me usam no nascimento de cada escrito”. Com participação em mais de quarenta obras; livros e revistas, nacionais e internacionais. Contato: jullieveiga@gmail.com.

Leverton Jose Veríssimo Vieira: Nascido em Capela do Alto, São Paulo, em 2000, ouvia a avó contar histórias e isso o fascinou e o inspirou a fazer o mesmo. Amante de livros e histórias, passa madrugadas inteiras perdido em páginas e palavras. Sonha em um dia poder levar suas histórias para o mundo todo e ter uma biblioteca tão grande que poderá se perder lá dentro. Cursa Letras na Universidade de Sorocaba e escreve muito nas horas vagas. Contato: levertonjose@botmail.com.

Marcelo Gomes Jorge Feres: Nascido em 06/07/1957, na cidade de Niterói, RJ. Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; pós-graduado em Filosofia (EAD) pela Universidade Gama Filho, São Paulo, em 2013; publicou 13 livros de conteúdo poético-filosófico e participa de várias antologias desde 1987. Contato: marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com.

Maria Sueli Fonseca Gonçalves: É membro efetivo da Academia de Letras de Campos do Jordão – cadeira 21, do poeta Emílio Moura. Professora, idealizadora do Projeto Academia Estudantil de Letras –

AEL. Coordenadora do Projeto AEL na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – SME. Professora de Língua Portuguesa e Literatura, formada pela Universidade de São Paulo – USP. Contato: suelizinha@uol.com.br.

Maria Teresa Barreiros Pelica: Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa e residente nos arredores de Lisboa, Portugal. Lecionou durante muitos anos a disciplina de Inglês no Ensino Público e Privado a jovens entre 12 e 18 anos. Atualmente dedica-se a atividades com a escrita e a fotografia. Como blogger compartilha com seus seguidores suas reflexões sobre as leituras que faz, especialmente no âmbito de Formação e Desenvolvimento pessoal. Contato: mtprbp@gmail.com.

Paulo Luís Ferreira: É natural de Recife/PE. Nascido em 17/07/1953. Vive em São Paulo desde 1973, quando ingressou em diversas escolas e grupos de teatro. Fotógrafo de profissão. Hoje é Professor de História e Geografia. Como escritor, escreveu para teatro e ganhou o *Prêmio Estímulo à Literatura*, pela Secretaria de Cultura de São Bernardo do Campo, com o conto *Minha Família Querida*. Outros contos foram publicados pela Revista Literária *Tantas Letras e Ponto e Contraponto*. Menção Honrosa, (Concurso Miau de Literatura) com o livro de contos *Os Malefícios do Humor* pela Editora Costelas Felinas. Outros dois contos estão sendo editados pela Big Time Editora. Tem contos publicados pelas revistas virtuais: *Literalmente Intrigante* e *Literallivre*. Tem um Romance, *Um Suco de Laranja Sem Açúcar com Hortelã*, e *Século XXI*, (contos), autoeditado em Clube de Autores. Contato: pluis.177@globomail.com.

Regina Ruth Rincon Caires: 64 anos, funcionária pública aposentada, formada em Letras e Direito e sem livros publicados. Gosta de escrever prosa e participar de concursos literários. É casada, tem dois filhos e seis netos. Contato: reginarutbrinconcaires@gmail.com.

Roque Aloisio Weschenfelder: Natural de Santo Cristo – RS, reside em Santa Rosa – RS. Tem 69 anos de idade, é graduado em Letras e professor aposentado. Autor de mais de uma dezena de livros literários e didáticos; integra cerca de 150 antologias textuais no Brasil e em Portugal; é multipremiado em quase 200 concursos literários, tendo obtido prêmios de destaque como a Viagem Nestlé Pela Literatura em 2002. Ainda atua como revisor textual, consultor de publicação para

novos autores, palestrante e orientador de acadêmicos quanto a textos que necessitam publicar. Contato: roquealoisio@yahoo.com.br.

Tamara Castro: Paulistana de alma caiçara, vive bordando travessias entre a cidade de concreto e as águas salobras da baía de Paraty (RJ). É editora e pesquisadora no Lab_Arte, da Faculdade de Educação – USP, onde apresentou a dissertação de mestrado intitulada *A canoa da escritura formativa: trajetórias do barro pelo rio ao mar* (2015), em que investiga a escritura poética como processo de criação e como processo formativo. Em 2017, participou com dois poemas da antologia *Mar selvagem: Vicente de Carvalho revisitado* (Organização: Márcio Barreto. Santos (SP): Imaginário Coletivo, 2017). Contato: castro.tam@gmail.com.

Wilson Duarte: Graduado em Comunicação social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP. Participa regularmente de antologias publicadas pela AEPTI – Associação dos Escritores, Poetas e Trovadores de Itatiba/SP e pela Litteris Editora/RJ, além de participação na antologia *Literatura de Outono*, Ed. Jogo de Palavras/SP. Teve também trabalho de Mestrado publicado no livro *Comunicação e Sociedade, Volume 1*, da Cortez Editora e anteriormente foi correspondente no Brasil da revista *KO Mundial*, editada na Argentina. Contato: niduf@bol.com.br.